

# O HÁBITO DA LEITURA E A REVOLUÇÃO HUMANITÁRIA

Jefferson de Souza Maia<sup>1</sup>

## RESUMO

O hábito de ler transforma o leitor; é uma via de mão e contramão, isto é, ler significa uma trama entre a mente do escritor e seu interlocutor. A leitura não respeita convenções acadêmicas ou fronteiras catalográficas. Para o literato os livros mudam as pessoas e, à luz das descobertas da nova neurociência e dos neurônios-espelho, neurônios responsáveis pelo sentimento empático, tal pensamento parece não ser mais apenas romantismo dos professores de literatura. A transformação ocasionada pela leitura não se resume somente ao campo subjetivo do interlocutor, que visto desse modo, a influência da leitura seria de certo modo reducionista, porém, a leitura pode desencadear episódios ainda mais amplos, isto é, modificar desde um pensamento subjetivo até ter determinado de forma incisiva a Revolução Humanitária. Esse artigo pretende demonstrar que o hábito da leitura – ao que tudo indica – teve um dos papéis mais importantes no modo como as pessoas absorveram as ideias iluministas que precederam a Revolução Humanitária, embasado nas descobertas dos neurônios-espelho e a condição neurológica que estes proporcionam à capacidade empatia.

Palavras-chave: Empatia. Leitura. Neurônios-espelho. Revolução Humanitária.

## LEITURA, NEUROCIÊNCIA E EMPATIA

Há diferentes tipos de livros que precisam ser lidos com tipos ou modos de leituras singulares. Alguns livros são para serem degustados, outros para serem engolidos e alguns poucos para serem mastigados e digeridos. Independente da maneira de ler ou do estilo literário de um determinado livro, uma coisa parece clara, “a leitura” – ao que tudo indica – “torna o homem completo, as preleções dão a ele prontidão, e a escrita torna-o exato” (1597, Apud GIANNETTI, 2008, p. 19).

Não há dúvidas de que o hábito da leitura pode influenciar demasiadamente a vida de uma pessoa, tanto no vocabulário quanto na expansão das ideias. A importância da leitura na formação (não no sentido pejorativo que o filósofo Nietzsche interpretou no seu livro

---

<sup>1</sup> Jefferson de Souza Maia ([jefferson.dasein@yahoo.com.br](mailto:jefferson.dasein@yahoo.com.br)) é aluno de graduação do curso de licenciatura em filosofia da UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte).

Schopenhauer Educador) do indivíduo é inquestionável, isto é, um fato, entretanto, há boas razões, inclusive científicas, para concluirmos que a influência da leitura, principalmente devido aos romances literários, se expande para além do âmbito individual ou ético do ente humano. Inovações científicas modernas têm iluminado a neurociência<sup>2</sup>. Técnicas médicas como a TAC (tomografia axial computadorizada), PET (tomografia por emissão de pósitrons) e RMN (exame de ressonância magnética) permitem que a estrutura e função do cérebro viva sejam estudadas. Cientistas podem ver quais áreas do cérebro se "acendem" de atividade quando uma pessoa saudável realiza uma tarefa mental, ou eles podem examinar pacientes que sofreram uma seqüela ou uma doença para ver quais partes do cérebro, quando afetadas, correspondem a quais déficits de função neural. Esse avanço científico proporcionou a descoberta de um grupo de neurônios denominados neurônios-espelho. Tais neurônios correspondem à característica medular que diferencia os humanos modernos de outros animais, a empatia, isto é, o ato de se colocar no lugar do próximo ou de estar na "pele mental" do seu co-específico. Os neurônios-espelho são responsáveis pela emoção ou euforia que o ente humano sente ao ler um livro, assistir uma peça de teatro e, principalmente, ao assistir um filme, assim também como nossa capacidade de acumular cultura transpassa pelos mesmos neurônios. A descoberta dos neurônios-espelho, feita pelo cientista italiano Giacomo Rizzolatti e seu colegas Giuseppe Di Pellegrino, Luciano Fadiga e Vittorio Gallese, da Universidade de Parma, revelou que somos animais condicionados à compaixão ou à empatia. Essa condição neurológica humana que desperta, por assim dizer, a empatia parece ter sofrido uma explosão a partir da invenção da prensa móvel por Gutenberg em 1452. Antes de tal invenção, cada exemplar de livro deveria ser manuscrito, de modo que deixava os livros maiores, a letra manuscrita era mais difícil de ler e a quantidade de papel encarecia a encadernação, o armazenamento e a remessa dos livros. Após a criação tecnológica de Gutenberg e à facilidade proporcionada pela mesma, a publicação e a compra de livros tornaram-se mais acessível. A partir do século XVII houve uma verdadeira explosão na publicação dos livros. Outro dado importante é que a alfabetização esteve igualmente em crescimento em outras partes da Europa Ocidental nessa época.

Isso significou um rompimento com as leituras bíblicas e as pessoas começaram a ler obras seculares, além disso, a Revolução Científica passou a divulgar mais sobre a experiência cotidiana e as novas descobertas da ciência, ou seja, a ciência passou a desenvolver temáticas inovadoras e a divulgar resultados que poderiam ter um alcance, em

---

<sup>2</sup> Ciência que estuda o cérebro e os nervos.

termo de conhecimento, maior. A empatia, no sentido de adotar o ponto de vista do outro, capacidade oriunda do estado neurológico do ente humano, parece aflorar à medida que o exercício da leitura é colocado em prática:

A meu ver, esse crescimento da escrita e leitura parece o melhor candidato a uma mudança exógena que teria ajudado a desencadear a Revolução Humanitária. O tacanho mundinho do vilarejo e do clã, acessível pelos cinco sentidos e informado por um único provedor de conteúdo, a Igreja, deu lugar a uma profusão de pessoas, lugares, culturas e ideias. E, por várias razões, a expansão da mente pode ter adicionado um a dose de humanitarismo às emoções e crenças das pessoas.  
(PINKER, Steven. P. 252)

É historicamente notável a forma como os romances epistolares ganharam força especialmente no século XVIII, na França e na Inglaterra eram lançados por ano alho em torno de cem romances por ano. Mais:

A ordem dos eventos segue a direção certa: avanços tecnológicos na atividade editorial, produção em massa de livros, expansão da alfabetização e popularidade do romance, tudo isso precedeu as grandes reformas humanitárias no século XVIII. E, em alguns casos, um romance ou relato biográfico muito popular demonstravelmente expôs uma grande faixa dos leitores ao sofrimento de uma classe obscura de vítimas e levou a uma mudança nas políticas. Mais ou menos na época em que *A cabana do Pai Tomás* mobilizou os sentimentos abolicionistas nos Estados Unidos, *Oliver Twist* (1838) e *Nicholas Nickleby* (1839), de Charles Dickens, abriram os olhos das pessoas para os maus-tratos a crianças nos asilos de pobres e orfanatos britânicos, e *Dois anos ao pé do mastro* (1840), de Richard Henry Dana, e *White Jacket*, de Herman Melville, ajudaram a pôr fim ao açoitamento de marinheiros. No século passado, *Nada de novo no front*, de Erich Maria Remarque, *1984*, de George Orwell, *O zero e o infinito*, de Arthur Koestler, *Um dia na vida de Ivan Denisovitch*, de Alexander Soljenítsin, *O sol é para todos*, de Harper Lee, *A noite*, de Elie Wiesel, *Matadouro 5*, de Kurt Vonnegut, *Raízes*, de Alex Haley, *Azaleia vermelha*, de Anchee Min, *Lendo Lolita em Teerã*, de Azar Nafisi, e *Possessing the secret of ajoy*, de Alice Walker (um romance que enfoca a mutilação genital feminina), foram livros que trouxeram ao conhecimento do público os sofrimentos de pessoas que, sem eles, poderiam continuar ignorados.  
(PINKER, Steven. P. 255)

E no meio de tantos livros clássicos que marcaram época, poderíamos citar vários outros como *Os Miseráveis* de Victor Hugo, *Madame Bovary* de Gustave Flaubert e, um pouco mais recente, porém seguindo o mesmo contágio emocional, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

O impacto da escrita e da leitura para uma sociedade transpassa objeções quanto à mudança ética em relação a algum tabu. A premiação do Oscar do ano de 2013 premiou como melhor filme *Doze Anos de Escravidão*, dirigido pelo diretor britânico Steve McQueen. O filme baseia-se na história de um homem livre que se torna escravo por longos doze anos e, que após tal episódio lança um livro retratando as condições desumanas às quais os escravos passavam.

Evidentemente, a revolução humanitária não passa somente pela contribuição do hábito da leitura, mas há fortes indícios para darmos a tal hábito grande importância nesse processo, é o que conclui Lynn Hunt, uma historiadora dos direitos humanos. Segundo suas pesquisas, o auge da Revolução Humanitária também foi o auge do romance epistolar, isto é, gênero em que a história é narrada pelo próprio personagem, expondo seus pensamentos e sentimentos, em vez de descrevê-los da perspectiva distanciadora de um narrador incorpóreo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas; posfácio de Álvaro Lins, Ilustrações de Aldemir Martins. 69ª Ed. Rio, São Paulo, Record, 1995.

GIANNETTI, Eduardo. O Livro das Citações: um breviário de ideias replicantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GIACCOMO, Rissolatti. Las Neuronas Espejo: los mecanismos de La empatia emocional. Milán, Paidós Trancisiones, 2006.

RAMACHANDRAN, V. S. O que o Cérebro tem para Contar: desvendando os mistérios da natureza humana. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo, ZAHAR, 2013.

PINKR, Steven. Os Anjos Bons de Nossa Natureza: por que a violência diminuiu. Tradução de Bernardo Joffily e Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 2006.